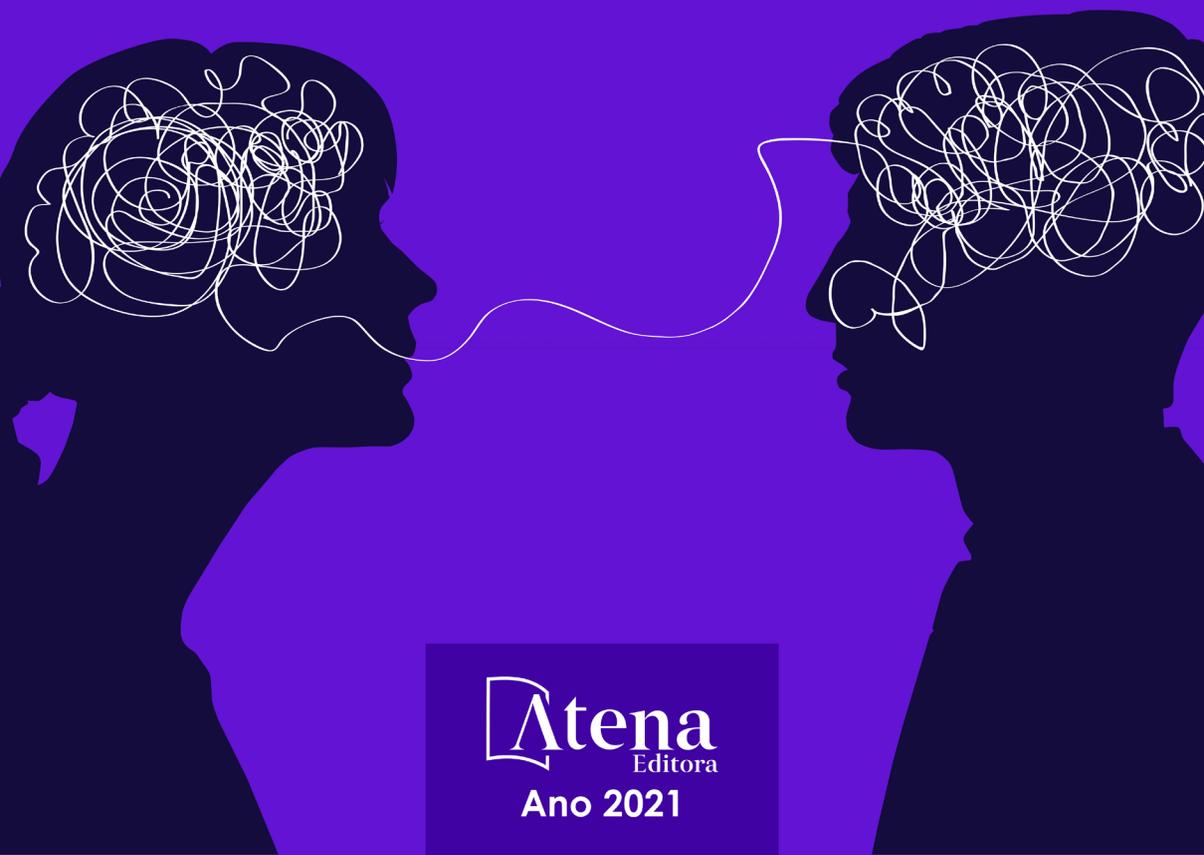


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 2

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)

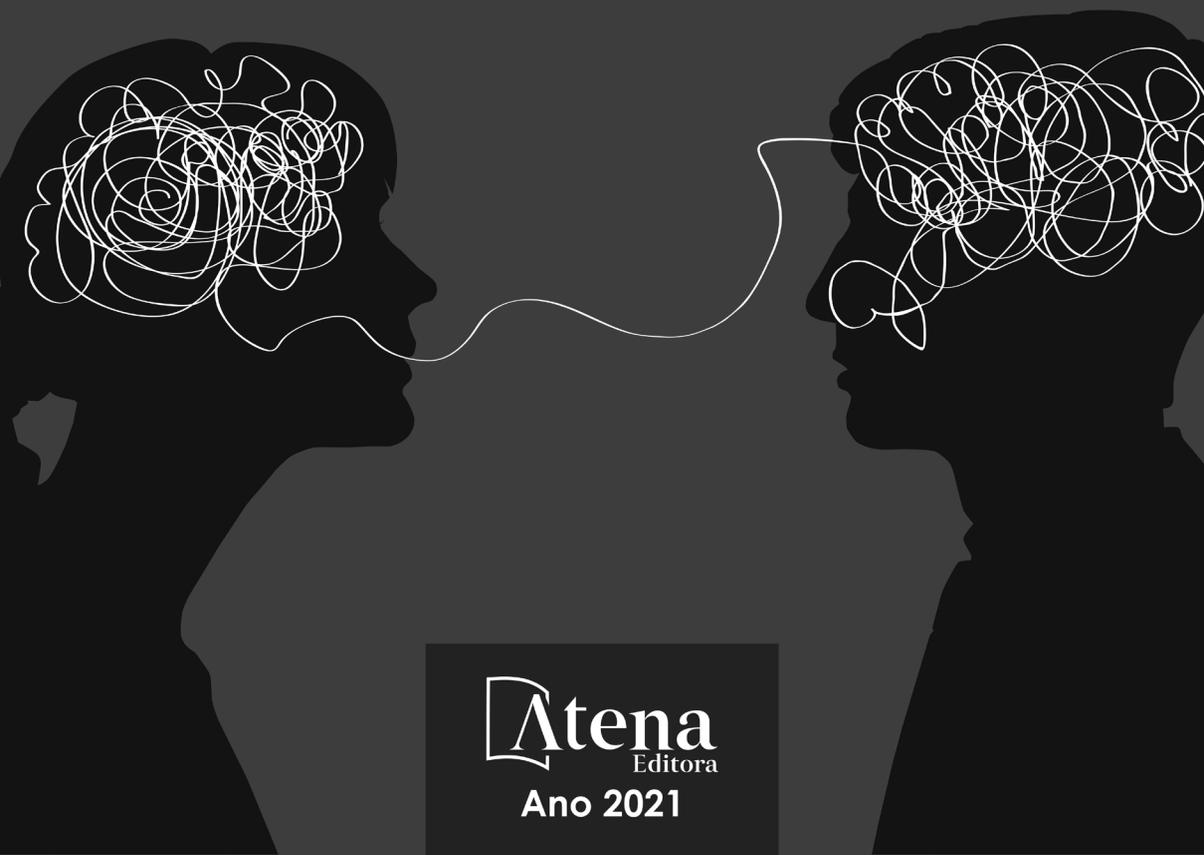


Atena
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 2

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^ª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^ª Dr^ª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^ª Dr^ª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Aleksandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^ª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof^ª Dr^ª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^ª Dr^ª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^ª Dr^ª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof^ª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Prof^ª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof^ª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof^ª Dr^ª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Prof^ª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof^ª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Prof^ª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof^ª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof^ª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes: culturas e identidades 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: culturas e identidades 2 / Organizadoras Fernanda Tonelli, Lilian de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-948-6

DOI 10.22533/at.ed.486210104

1. Linguística. 2. Arte. 3. Literatura. 4. Educação. I. Tonelli, Fernanda (Organizadora). II. Souza, Lilian de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Este *e-book* apresenta algumas contribuições da Linguística para o estudo das identidades, saberes e práticas sociais permeados pela linguagem.

Os temas e análises propostos pelos autores dos capítulos que seguem demonstram a pertinência dos estudos linguísticos para a análise da sociedade, em especial no que diz respeito às questões educacionais, identitárias e culturais. Assim, esta obra concentra vinte e dois textos de docentes, estudantes e pesquisadoras e pesquisadores de graduação e pós-graduação de diversos lugares do Brasil, o que nos oferece um olhar multifacetado para questões da linguagem na contemporaneidade.

Mais do que refletir sobre, as discussões propostas nestes trabalhos nos oferecem subsídios para **agir** e **transformar** nosso entorno, com temáticas envolvendo estudos de letramento, ensino/aprendizagem de línguas, aquisição da linguagem, interculturalidade, gamificação, análise discursiva, léxico-semântica e uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), cada vez mais presentes no âmbito educacional. Estas reflexões são empreendidas por meio da análise de gêneros textuais produzidos e circulantes na sociedade (como o comentário de Facebook, histórias em quadrinhos, texto literário, manchete de jornal, propaganda, série jornalística e parábola bíblica), além de práticas sociais que vão desde cinema e literatura a projetos educativos e manifestações culturais, entre outras.

Como resultado, esta obra apresenta importantes contribuições sobre temas contemporâneos e o convite à reflexão, por exemplo, sobre a situação dos idosos e sua inclusão no âmbito educacional, a violência doméstica por vezes não revelada, o auxílio religioso e espiritual no tratamento da adicção, a subjetividade presente nas mídias sociais, a construção de sentido por sujeitos deficientes visuais e as potencialidades do letramento quer na educação. Um compêndio de artigos multifacetados sobre situações cotidianas mediadas pela linguagem que, por vezes, nos passam despercebidas dentro da “normalidade”; ao buscar direcionar nosso olhar para novos lugares, essas leituras nos sensibilizam, fazendo-nos lembrar da nossa capacidade de sermos humanos.

Nosso agradecimento, portanto, à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às/aos colegas que se dispuseram a contribuir com seus manuscritos. Neste momento de isolamento social, é essencial que busquemos formas de nos mantermos conectados uns aos outros a fim de estabelecermos diálogos profícuos entre nossos pares. Assim, esta coletânea de textos se propõe ser uma ponte entre autores e seus leitores, viabilizando caminhos para trocas de saberes e práticas.

Boa leitura!

Fernanda Tonelli
Lilian de Souza

SUMÁRIO

ENSINO DE LÍNGUAS E LETRAMENTO

CAPÍTULO 1	1
DO CARNAVAL AO <i>DÍA DE MUERTOS</i> : ROMPENDO ESTEREÓTIPOS RUMO À INTERCULTURALIDADE CRÍTICA NO ENSINO DE LÍNGUAS	
Lilian de Souza Fernanda Tonelli	
DOI 10.22533/at.ed.4862101041	
CAPÍTULO 2	12
PARA ALÉM DOS BONS JOGOS: A COMPETÊNCIA COMUNICATIVA EM ATIVIDADES GAMIFICADAS PARA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS	
Maria Eduarda Motta dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4862101042	
CAPÍTULO 3	29
OS DESVIOS ORTOGRÁFICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E ATITUDES LINGUÍSTICAS	
José Jaime Martins dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4862101043	
CAPÍTULO 4	36
QUADRINHOS, LETRAMENTO E TECNOLOGIA: UMA PROPOSTA	
Marcelo Magalhães Foohs Eduardo Elisalde Toledo Guilherme dos Santos Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.4862101044	
CAPÍTULO 5	50
LETRAMENTO QUEER NA SALA DE AULA DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: AS POTENCIALIDADES DO CINEMA QUEER	
Antón Castro Míguez	
DOI 10.22533/at.ed.4862101045	
CAPÍTULO 6	70
INCLUSÃO DIGITAL E NOVOS LETRAMENTOS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Jailma de Sousa Pimentel Ilza Léia Ramos Arouche	
DOI 10.22533/at.ed.4862101046	
CAPÍTULO 7	84
O GÊNERO COMENTÁRIO DE FACEBOOK A FAVOR DO ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO	
Thalyne Keila Menezes da Costa Williany Miranda da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4862101047	

ESTUDOS DO DISCURSO

CAPÍTULO 8..... 98

REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE LINGUAGEM E PODER NAS OBRAS DE BAKHTIN E FOUCAULT

Simone dos Santos França

DOI 10.22533/at.ed.4862101048

CAPÍTULO 9..... 109

DECISÃO JUDICIAL: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA-DISCURSIVA DE UM CASO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO RIO DE JANEIRO

Micheli Rosa

Marieli Rosa

Claudia Maris Tullio

Cindy Mery Gavioli-Prestes

DOI 10.22533/at.ed.4862101049

CAPÍTULO 10..... 120

A FORMAÇÃO DO SUJEITO-LEITOR NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: LEITURA DOS SENTIDOS ÉTNICO-RACIAIS EM O *AUTO DA COMPADECIDA*

Meilene Carvalho Pereira Pontes

Juarez Nogueira Lins

DOI 10.22533/at.ed.48621010410

CAPÍTULO 11..... 132

“A BELA DA FERA”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A POSIÇÃO-SUJEITO DA PRIMEIRA-DAMA MICHELE BOLSONARO A PARTIR DE UMA MANCHETE DA FOLHA DE SÃO PAULO

Leila Silvana Pontes

DOI 10.22533/at.ed.48621010411

CAPÍTULO 12..... 142

SUBJETIVIDADE DO CORPO NAS MÍDIAS SOCIAIS: PROPAGANDAS DE CERVEJA

Jéssica Roberta Araújo Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.48621010412

CAPÍTULO 13..... 154

AS ESCOLHAS DE “QUEM SENTE” QUE NASCEU NO CORPO ERRADO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA SÉRIE “QUEM SOU EU?”

Gabriel Marchetto

Jaqueline Angelo dos Santos Denardin

DOI 10.22533/at.ed.48621010413

CAPÍTULO 14..... 163

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NAS REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO DO CAMPO EM CHICO BENTO MOÇO: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA

Illa Pires de Azevedo

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E IDENTITÁRIOS

CAPÍTULO 15..... 175

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA À LUZ DOS FLUXOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E DA *LANGUACULTURE*

Evandro Rosa de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.48621010415

CAPÍTULO 16..... 193

REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS DO/SOBRE O SUJEITO IDOSO: CIDADANIA E INCLUSÃO EDUCACIONAL

Silvane Aparecida de Freitas

Celso Ricardo Ribeiro de Aguiar

DOI 10.22533/at.ed.48621010416

CAPÍTULO 17..... 205

A RELAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NO TRATAMENTO DA ADICÇÃO

Ana Luiza Martins Damasceno

Camila Thaynara dos Santos

Luara Cristina Custódio

Simone Rodrigues Alves de Melo

Thayná Caroline de Lima Branco

Yasmin Katheline Mendonça

DOI 10.22533/at.ed.48621010417

CAPÍTULO 18..... 215

AS MULTIFACES DO ARTICULADOR TEXTUAL “E”: MATIZES DE SENTIDO NAS PARÁBOLAS BÍBLICAS

Antonio Vianez da Costa

DOI 10.22533/at.ed.48621010418

CAPÍTULO 19..... 228

ESTUDO COMPARATIVO DA VARIAÇÃO LÉXICO-SEMÂNTICA DE VINTE SUBSTANTIVOS COMUNS REGISTRADOS EM DICIONÁRIOS BRASILEIRO E PORTUGUÊS: O CASO DO DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA (2009) E DO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2012)

Ivonete da Silva Santos

DOI 10.22533/at.ed.48621010419

CAPÍTULO 20..... 242

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UM ESTUDO DAS DIVERSAS ABORDAGENS DO DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DA CRIANÇA

Rodrigo Augusto Kovalski

Emanuéli N6s

DOI 10.22533/at.ed.48621010420

CAPÍTULO 21	260
METÁFORAS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA DEFICÊNCIA VISUAL Girlane Maria Ferreira Florindo DOI 10.22533/at.ed.48621010421	
CAPÍTULO 22	271
¿QUÉ ES ESO DE SESEO Y CECEO? UN RECORRIDO BIBLIOGRÁFICO Priscila Porchat de Assis Murolo DOI 10.22533/at.ed.48621010422	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	281
ÍNDICE REMISSIVO	282

CAPÍTULO 20

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UM ESTUDO DAS DIVERSAS ABORDAGENS DO DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DA CRIANÇA

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 22/02/2021

Rodrigo Augusto Kovalski

Universidade Estadual do Centro-Oeste
Irati-PR
<http://lattes.cnpq.br/6086971450255598>

Emanuelli Nós

Universidade Estadual do Centro-Oeste
Irati-PR
<http://lattes.cnpq.br/7964583036996571>

RESUMO: O processo pelo qual a criança aprende sua língua materna é uma das primeiras etapas pelas quais o ser humano passa em seu crescimento, este evento é tão importante que se tornou uma das principais áreas de pesquisa da Linguística, já que é através do desenvolvimento das habilidades linguísticas que o sujeito se inclui ao meio social. As interações verbais do ser humano consistem em uma das mais significativas formas de adquirir uma identidade cultural e desenvolver seus aspectos cognitivos. Esta pesquisa, portanto, visou à realização de um estudo para identificar as principais correntes teóricas a respeito do desenvolvimento linguístico do ser humano e de forma mais precisa, das crianças em estágio pré-linguístico, buscando compreender as suas fases e modalidades. Com esses estudos acerca do processo de aquisição da linguagem infantil foi possível compreender que todas as crianças transcorrem por etapas até alcançar o desenvolvimento pleno da linguagem.

E é por meio desses conhecimentos que pais e profissionais da área podem verificar em qual etapa desse processo cada criança está e saber identificar quando há um possível atraso e/ou dificuldades na fala, considerando sempre que existem algumas características que são individuais, portanto, podem variar de criança para criança.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da linguagem; Criança; Fala.

LANGUAGE ACQUISITION: A STUDY OF THE SEVERAL APPROACHES TO THE CHILD'S LANGUAGE DEVELOPMENT

ABSTRACT: The process by which the child learn her maternal language is a the first phases by which the human being does when is in his growing phase, this even is so important that it becomes one of the main areas of linguistic researches because is through of the development of the linguistic skills that the subject is includes in the social middle. The verbal interactions of the human being consist in the most significant forms to get a culture identity and to development his own cognitives aspects. This research, however, sought the achievement of the study to identify the main theoretical currents that say respect about the linguistic development of the human being and the precisiest form, about the children in pre-linguistic stage, seeking to understand their phases and madalities. With this studies about the process of childlike language acquisition, it was possible to understand that all the children go through stages until to arrive the full language development. And is through these knowledges that parents and areas professionals can realize

which stage each child is and to know how to identify if there is a delay and/or difficulties to speak, but is important remember that always there is some individual characteristic, therefore, it may vary from child to child.

KEYWORDS: Language Acquisition; Child; Speak.

1 | INTRODUÇÃO

O processo pelo qual a criança aprende sua língua materna é um dos primeiros feitos do ser humano. O desenvolvimento das habilidades linguísticas permite a inclusão do sujeito ao meio social, pois as interações verbais do ser humano consistem em uma das mais significativas formas de adquirir uma identidade cultural e desenvolver os aspectos cognitivos.

O ato de adquirir a linguagem é tão importante que se tornou uma das principais áreas de pesquisa da Linguística. Muitos autores buscam compreender como a criança é capaz de adquirir a linguagem e como se dá a fala, enfim como acontecem todas as etapas desse processo até que o indivíduo se torne um falante pleno de sua língua materna. Procurar compreender como ocorre a aquisição da linguagem é tentar entender como as crianças em um período tão breve, passam de um nível de desconhecimento integral da língua, para uma condição de capacidade total, onde produzem enunciados que as possibilitam uma interação satisfatória com os outros membros do grupo linguístico/social.

Para a maioria das pessoas, o surgimento da linguagem é visto como algo simples e natural, porém se trata de um fenômeno de aquisição, o qual é muito mais complexo do que se imagina, já que envolve uma expressiva quantidade de operações mentais e cognitivas.

Compreender a aquisição da linguagem ainda é um enigma atual da natureza humana, pois não existe uma resposta categórica de como acontece esse processo que permite a todas as crianças a competência de aprender a língua materna já na primeira infância, exceto aquelas que apresentam certa dificuldade cognitiva ou física. Embora existam muitas concepções que tentam explicar de diversas maneiras o aparecimento da linguagem, nenhuma conduz de fato a um esclarecimento definitivo, ou seja, são apenas teorias desenvolvidas por estudiosos da língua ao longo de um período histórico.

Desta forma, nesse texto serão expostos alguns enfoques/perspectivas dos estudos da aquisição da linguagem, sob viés de diversos pesquisadores da área da Linguística, Psicolinguística e Psicologia, não com o objetivo de privilegiar uma ou outra corrente teórica, mas sim, com o intuito de apresentar as concepções que tentam decodificar o enigma da aquisição e desenvolvimento da linguagem e compreender quais são as principais etapas/processos que a criança passa no aprendizado da língua(gem).

E como justificativa para a realização desta pesquisa, cabe mencionar que ao observar o desenvolvimento infantil fica explícita a naturalidade como acontece à aquisição da linguagem materna, “isso porque não ensinamos a criança a falar: é um processo que

acontece naturalmente, sem necessidade de instrução explícita” (NAME, 2015, p.71), fato que não acontece da mesma maneira na aprendizagem de uma segunda língua na fase adulta, por exemplo.

Com os estudos do processo de aquisição da linguagem infantil é possível compreender que as crianças passam por níveis de desenvolvimento da linguagem e através destes conhecimentos, é presumível que pais, professores, fonoaudiólogos e outros profissionais interessados na área consigam verificar na prática em que nível deste processo a criança acompanhada está, considerando é claro que existem características individuais que variam de criança para criança, sendo um aspecto individual da linguagem.

E como objetivos, de maneira geral, esta pesquisa realiza um estudo bibliográfico, com base nos estudos oriundos da Linguística, Psicolinguística e Psicologia, acerca das diversas teorias/abordagens do desenvolvimento linguístico da criança, no tocante, ao levantamento de dados, a fim de compreender as fases e períodos que passam o indivíduo no processo de aquisição da língua materna. E de forma específica: realiza um levantamento bibliográfico acerca do tema Aquisição da Linguagem, este voltado às áreas de Linguística, Psicolinguística e Psicologia; busca descrever as principais teorias/abordagens que explicam o desenvolvimento pré-linguístico da criança e; compara as diversas abordagens e correntes teóricas acerca do desenvolvimento linguístico.

2 | A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: BREVE HISTÓRICO

Há muito tempo, teorias de aquisição da linguagem vem sendo formadas para determinar como as línguas são aprendidas pelas crianças já na primeira infância, prova disso são as inúmeras investigações em busca de como ocorrem esse processo que foram registradas ao longo dos séculos. Ainda que essas buscas sejam observadas no decorrer da história, os estudos mais organizados de como esse processo realiza-se nas crianças apareceram há pouco tempo atrás. A esse respeito Scarpa (2004) afirma que

Estudos sistemáticos sobre o que a criança aprende e como adquire a linguagem, porém, foram feitos, como tais, apenas mais recentemente. Desde o século XIX, alguns linguistas, guiados tanto por interesse paterno, quanto profissional, elaboraram diários da fala espontânea de seus filhos. Algumas das amostras mais abrangentes da fala infantil foram registradas nas primeiras décadas deste século pelos chamados “diaristas”, que eram linguistas ou filólogos estudando seus próprios filhos (SCARPA, 2004, p. 01).

Os estudos aquisicionais que “os diaristas” realizavam eram concretizados através de métodos do tipo longitudinal, caracterizados pelo relatório de acompanhamento da linguagem de uma criança ao longo do tempo, se diferenciando, portanto, da metodologia empregada nas pesquisas mais atuais que são do tipo transversal, as quais baseiam-se no registro de um número amplo de indivíduos, que muitas vezes são divididos de acordo com a faixa etária (SCARPA, 2004).

Como a criança, de fato, adquire a linguagem ainda não é possível afirmar com toda a certeza, mas existem diversas teorias que tentam explicar esse acontecimento. Essas teorias são resultados de pesquisas das diferentes áreas do conhecimento, abrangendo metodologias e abordagens teóricas diferenciadas. Scarpa (2004, p. 02) assegura que:

A Aquisição da Linguagem é, pelas suas indagações, uma área híbrida, heterogênea ou multidisciplinar. No meio do caminho entre teorias linguísticas e psicológicas, tem sido tributária das indagações advindas da Psicologia (do Comportamento, do Desenvolvimento, Cognitiva, entre outras tendências) e da Linguística.

As questões debatidas pelos estudiosos que buscam entender como são desenvolvidas as habilidades linguísticas nos seres humanos, estão em constante renovação e aprimoramento, não existindo uma teoria pronta e acabada, mas sim diversas abordagens teóricas de diferentes pesquisadores e áreas que tentam decodificar o enigma da aquisição e desenvolvimento da linguagem, procurando compreender quais são as etapas fundamentais pelas quais as crianças passam para o aprendizado efetivo da língua.

3 | AS TEORIAS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Como a criança aprende a falar ainda é um mistério, pois em pleno século XXI ainda não é possível afirmar com toda certeza como isso ocorre, e em tão curto prazo. Essas indagações e questionamentos acerca desse período de desenvolvimento da linguagem incentivaram o surgimento de várias teorias da aquisição, como tentativas de respostas para entender como ocorre esse processo.

Ao longo do tempo foram surgindo várias hipóteses sobre como a criança adquire uma língua tão rapidamente e sem instrução exclusiva, as perspectivas existentes para esse tema são várias e se diferem de acordo com o pesquisador, o período e a metodologia utilizada, mas todas visam à explicação da origem do conhecimento linguístico.

Nessa pesquisa, serão apresentadas algumas dessas correntes teóricas já formuladas no decorrer do tempo sobre o processo de aquisição da linguagem. Ao analisar essas propostas teóricas buscam-se um entendimento maior acerca desse momento tão importante do desenvolvimento infantil, fatos que contribuíram em muito para a expansão de estudos desta área do conhecimento. Para esta análise, observamos, portanto, as seguintes teorias: Empirismo, Behaviorismo, Conexionismo, Racionalismo, Inatismo, Construtivismo, Cognitivismo Construtivista e Interacionismo Social, as quais serão apresentadas a seguir.

3.1 O empirismo

O empirismo é uma corrente teórica acerca da aquisição da linguagem que supõe como principal princípio que o conhecimento surge a partir da experiência e dos fatores externos ao indivíduo. Como afirma Santos (2010, p. 216), “A estrutura está no indivíduo, nem é construído por ele, mas está no exterior, fora do organismo”.

Nesse sentido, esta concepção afirma que os comportamentos e conhecimentos dos seres humanos são determinados pelo ambiente, não havendo, portanto, a consideração de que a aquisição do conhecimento surgiria através da realidade mental, pois para os empiristas as ideias da mente são aprendidas ou adquiridas por meio do exterior (SANTOS, 2010).

Ainda acerca do empirismo, teoria que enfatiza a importância das variáveis externas para a aquisição da linguagem, Grolla e Silva (2014, p.36) afirmam que para essa concepção: “As crianças nasceriam sem nenhum conhecimento linguístico e, à medida que são expostas a uma língua, adquirem-na através de estratégias gerais para a aquisição de conhecimento, como analogias, associações e raciocínio indutivo”, portanto, todo conhecimento seria gerado através da experiência, não sendo valorizado os fatores internos, pois para os empiristas “A estrutura não está no indivíduo, nem é construída por ele, mas está no exterior, fora do organismo” (SANTOS, 2010, p.216).

A teoria empirista fez surgir outras concepções que também se embasaram na experiência como forma de aprendizado, entre elas está o behaviorismo e o conexionismo, as quais abordaremos a seguir.

3.1.1 *O behaviorismo*

É impossível falar do Behaviorismo sem citar a importância que teve a análise do comportamento verbal elaborada por B. F. Skinner (1957), a qual “previa o aprendizado de comportamentos linguístico e não-linguístico por meio de estímulos, privações e reforços para o comportamento” (SANTOS, 2010, p.217).

Essa concepção psicológica esclarece os fenômenos mentais, a partir da análise dos comportamentos que são notáveis, os quais são considerados por essa teoria como respostas a determinadas situações (MAROTE; FERRO, 1994). Dentro dessa teoria, o conhecimento é adquirido através das experiências vivenciadas pelo indivíduo com o ambiente em que se encontra, desse modo a aprendizagem se daria através de respostas aos estímulos oferecidos pelo meio (CEZARIO, MARTELOTTA, 2016).

O Behaviorismo ou Teoria do Comportamento pressupõe, portanto, que a aprendizagem da língua materna acontece da mesma maneira, ou seja, através de estímulos e respostas a esses estímulos. “Skinner (1957), principal representante do behaviorismo, defendeu que a criança imitaria o adulto, e a língua seria simplesmente um comportamento verbal, *respostas* aprendidas a partir de *estímulos e reforço* (positivo ou negativo) recebidos” (MAIA, 2015, p. 71-72). Para Cezario e Martelotta (2016, p.207) “Nesse processo, a resposta física é substituída por uma resposta linguística, e o estímulo pode ser linguístico ou não”. Desse modo, a aquisição da linguagem estaria baseada em reforço e imitação, situações que de acordo com essa hipótese, auxiliariam o desenvolvimento da língua materna pela criança.

Para Skinner, o estímulo e resposta estão interligados, pois para cada resposta deve haver um estímulo específico. Nesse sentido, o reforço abrange a exposição de um estímulo reforçador para alcançar uma resposta específica, existindo dois tipos de reforços, os quais podem ser negativos ou positivos como, no exemplo, que Santos (2010, p. 217) coloca: “Imagine que a criança vê a mamadeira (estímulo) e diz *papá*. Se ela conseguir com isso que lhe deem a mamadeira, será reforçada positivamente, “aprenderá” que quando quiser comida deve dizer *papá*”. Considerando esse exemplo, podemos conferir ao reforço o papel de condicionante para a aquisição da linguagem.

Grolla e Silva (2010) contrapõem esse argumento de que o reforço é fundamental para a aquisição da linguagem, já que nem sempre as intervenções feitas pelos adultos são adequadas a essa proposta, pois:

[...] os pais prestam atenção no que as crianças falam, mas não em como elas falam: quando os pais de fato corrigem seus filhos, eles tendem a fazer correções sobre a adequação do conteúdo da fala das crianças relativamente à situação discursiva, e não sobre a forma gramatical das expressões” (GROLLA; SILVA, 2010, p. 45).

Ainda para a perspectiva behaviorista a criança aprende a falar através dos fatores externos, da observação e imitação, sendo a aquisição da linguagem o resultado da experiência do uso da linguagem a sua volta. Mas esse enfoque apresenta alguns questionamentos, por exemplo, este que foi apontado por Santos (2010, p. 217):

Um dos principais problemas da proposta de Skinner no que diz respeito a linguagem é a aquisição do léxico (conforme já apontado por Chomsky, 1959). Skinner tratava os nomes próprios como “resposta sob controle” (isto é, uma pessoa, diante de um estímulo nomeava-o, podendo ser ou não reforçada), e esse controle era a referência, a denotação de algo; no entanto, ficava faltando, para a língua, o significado, a conotação. O problema na aquisição do léxico é que a proposta behaviorista acaba por obscurecer a diferença entre referência e significado (já analisada por Frege em 1892).

Existe também na teoria behaviorista outro problema a ser considerado, que é como se explica nesse enfoque o fato da criança aprender sentenças que nunca escutou antes, pois mesmo que as palavras sejam ouvidas, nem todas têm referências observáveis na situação que são ouvidas (SANTOS, 2010).

Além dessas questões já expostas, Santos (2010) expõe outros dois pontos a serem questionados em relação a essa teoria. O primeiro trata-se de como em tão curto tempo a criança se torna competente linguisticamente e a segunda questão é o fato de como alguns enunciados são produzidos por ela sem nunca terem ouvido antes. Como seria possível explicar através do behaviorismo essas duas questões, já que o aprendizado para essa concepção acontece através da imitação, portanto, necessitaria de muito mais tempo para adquirir o repertório suficiente para dominar sua língua materna.

Segundo Scliar-Cabral (1991 *apud* Balieiro, 2004), os behavioristas ou

comportamentalistas, reduziram a função das estruturas intelectuais e cognitivas sintetizando a linguagem a atos de fala notáveis, nesse sentido, o processo de aprendizagem da língua materna seria similar ao aprendizado de outras habilidades, tais como andar de bicicleta e dançar, onde a criança em contato com o meio e através de mecanismos comportamentais-reforço, estímulo e resposta adquiriria sua língua materna.

3.1.2 Conexionismo

O termo “conexionismo” faz referência às ciências cognitivas que procuram explicar as capacidades mentais dos seres humanos utilizando redes neurais artificiais. As redes neurais são amostras simplificadas do cérebro com muitas unidades e pesos que avaliam a força das ligações entre essas unidades e esses pesos modelam os resultados das sinapses que conectam um neurônio a outro (GROLLA, SILVA, 2014). Nesse sentido, qualquer área do cérebro seria responsável pelo conhecimento linguístico, pois é ordenado dinamicamente baseado na relação do sistema com o ambiente.

Para esta concepção, o cérebro é constituído por neurônios conectados em uma rede complexa onde a aprendizagem aconteceria através de associações que são reforçadas ou diminuídas. O conhecimento linguístico para os conexionistas é distribuído em diferentes neurônios conexos entre si, efeito das modificações sucessivas na força das conexões das redes através de experiências.

Segundo Santos (2010, p. 219-220):

Um modelo conexionista dá grande importância para a quantidade de dados de entrada- frequência- e para a variabilidade dos dados de saída. A frequência do *input* é que reforça a conexão, e, como dissemos, a conexão entre os neurônios é alterada pelos dados de entrada. Dessa forma, dá-se grande importância à frequência. A aprendizagem se dá pela modelagem estatística de inferências.

Para Santos (2010, p. 219) “tanto para o associacionismo quanto para o conexionismo, o aprendizado é *ad hoc*, nas relações entre dados de entrada (*input*) e saída (*output*), mas admitem analogias e generalizações”. Nesse sentido, o cérebro humano processa informações através das redes neurais e a aprendizagem se dá através de associações que são realizadas por meio de estímulos recebidos. Quanto às generalizações que são trazidas nesse paradigma, Grolla e Silva (2014) alegam que: “Depois da aprendizagem, a rede pode generalizar para novos estímulos. Nesses modelos, nem os nós nem as ligações correspondem a categorias linguísticas ou regras”.

A construção dos padrões associativos é construída por unidades em uma rede que na maioria das vezes são de dois tipos: a de entrada, que é responsável por receber a informação transmitida e a de saída, onde são localizados os resultados de processamento (GROLLA, SILVA, 2014). Dessa forma, o conhecimento é resultado da exposição do indivíduo ao meio, pois é a partir dessa interação que as informações recebidas permitem

ativar redes neurais e possibilitam a criação de novas redes. Como Santos (2010, p.219) afirma: “As propostas conexionistas buscam a interação entre o organismo e o ambiente, assumindo a existência de um algoritmo de aprendizagem”.

O Conexionismo em relação às outras teorias é uma abordagem relativamente nova, que determina um novo conceito para o aprendizado da língua ao introduzir princípios de processamento de informações pelo cérebro, consideração significativa que não foi postulada anteriormente.

3.2 O racionalismo

O Racionalismo é fundamentado na proposição de que nos seres humanos temos uma disposição inata de desenvolver a linguagem, deste modo, apenas os estudos da mente humana seriam capazes de compreender como os indivíduos adquirem a linguagem. Nesse sentido, os racionalistas contrapõem as concepções anteriores, ponderando o indivíduo como parte importante desse processo, ao contrário de muitos estudiosos da língua que consideravam apenas as experiências (exteriores) como aspecto fundamental para a aquisição da linguagem (SANTOS, 2010).

Santos (2010) ressalta a existência de duas correntes racionalistas, ou seja, duas percepções fundamentadas no conceito de que a aquisição da linguagem é algo congênito no ser humano. Em uma das proposições a concepção inatista ou gerativista considera que “o aprendizado da linguagem é independente de uma cognição generalizada e de outras formas de aprendizado” (SANTOS, 2010, p.220), já para a outra concepção, a teoria construtivista ou cognitivista, “a linguagem é parte da cognição ou que o mecanismo responsável pelo aprendizado da linguagem também é responsável por outras formas de aprendizado” (SANTOS, 2010, p. 220).

Partindo desse pressuposto racionalista, o qual conceitua que o conhecimento está no interior do indivíduo e que a aprendizagem da língua é independente das experiências externas, abordaremos a seguir as duas correntes racionalistas.

3.2.1 *Inatismo*

A concepção inatista ou gerativista surgiu a partir da metade do século XX com o linguista Noam Chomsky afirmando “que existe uma gramática universal, que é uma matriz biológica responsável pela grande semelhança entre as línguas e pela rapidez com que aprendem a falar” (CEZARIO, MARTELOTTA, 2016, p.208). Esta teoria tenta encontrar meios que expliquem principalmente a grande capacidade e criatividade dos falantes em tão curto tempo (SANTOS, 2010).

Para justificar esses fatos, os gerativistas defendem que os seres humanos já são gerados com capacidade biológica para falar, sendo a linguagem uma capacidade desenvolvida espontaneamente nas crianças. Para esta concepção:

O homem já nasce provido de uma grande variedade de conhecimentos linguísticos e não linguísticos. Essa corrente dá maior importância ao organismo, a codificação genética, que traz muitas informações sobre o comportamento humano, a personalidade, a capacidade de compreensão de quantidades, a capacidade de distinção entre sons da fala e outros sons, entre outras informações. No caso da aquisição da linguagem, o meio cumpriria o papel de acionar o dispositivo responsável pela aquisição de língua (CEZARIO, MARTELOTTA, 2016, p.208).

“Chomsky (1965) propõe que a criança tem um Dispositivo de Aquisição da Linguagem (DAL) inato, que é ativado e trabalha a partir de sentenças (*input*) e gera como resultado a gramática da língua à qual a criança está exposta” (SANTOS, 2010, p. 220). Portanto, para essa teoria o ambiente se incumbe apenas de contribuir para que os indivíduos falem determinada língua, o restante fica a encargo da herança genética da criança, sendo esse princípio válido para todos os idiomas e em todo o mundo.

Na concepção inatista existe uma Gramática Universal (GU), “composta por *princípios*, os quais determinam a estrutura comum a todas as línguas e limitam as variações entre elas, e por *parâmetros*, que são as variações possíveis que as línguas podem ter” (CEZARIO, MARTELOTTA, 2016, p.208). Segundo essa teoria, as crianças aprendem a falar depressa, pois já possuem regras de fala internalizadas, as quais vão sendo aperfeiçoadas através do convívio com os adultos (CEZARIO, MARTELOTTA, 2016).

Em relação a esse processo inato, Chomsky (1965) teoriza que:

A criança fica exposta a uma fala fragmentada, repleta de frases incompletas, mas é capaz de internalizar num tempo muito curto a gramática de uma língua devido a esse dispositivo inato, que aciona o conhecimento linguístico prévio geneticamente herdado (CEZARIO, MARTELOTTA, 2016, p. 208).

Nesse sentido, as crianças em um determinado momento do seu desenvolvimento acionarão o dispositivo, fato que principiará a fala. A partir deste acontecimento, as crianças inventam e falam frases inéditas, sendo capazes de com apenas 4 ou 5 anos conseguirem usar praticamente todas as estruturas gramaticais de sua língua. Eventos estes, que para Chomsky confirmam a existência de uma Gramática Universal particular para os seres humanos (CEZARIO, MARTELOTTA, 2016).

Para Cezario e Martelotta (2016), os gerativistas também discutiam acerca de como as crianças contraem os itens lexicais, ressaltando a existência de duas categorias: as *lexicais* e as *funcionais*. A hipótese mais aceita para esclarecer a aquisição desses elementos seria a *Hipótese maturacional da aquisição da linguagem* elaborada por Radford (1993). Para ele:

(...) existem diferentes fases para a aquisição da linguagem e a passagem de uma fase para outra é determinada pela manutenção do organismo. Existe uma ordem na configuração do GU que determina que as categorias lexicais surjam antes das categorias funcionais (CEZARIO, MARTELOTTA, 2016, p. 209).

Ainda segundo Radford (1993), as crianças passariam pelas seguintes fases: “(a) fase pré-linguística: 0 a 12 meses; (b) fase de uma palavra: de 12 a 18 meses; (c) fase multivocabular inicial: de 18 a 24 meses e; (d) fase multivocabular tardia: de 24 a 30 meses” (CEZARIO, MARTELOTTA, 2016, p. 209). Para esse autor, as fases se caracterizam da seguinte maneira:

(...) a primeira é caracterizada pela falta de qualquer manifestação linguística. Há apenas gestos e balbucios. A segunda fase é caracterizada pela presença de sentenças com apenas uma palavra. É uma fase acategorial por natureza, pois não há produção de sintagmas e sentenças propriamente ditas, assim como faltam às categorias funcionais que estabelecem relações gramáticas entre as palavras.

Na fase seguinte, há o desenvolvimento dos sistemas lexicais, que são aqueles que englobam o sistema nominal, o sistema verbal, o sistema adjetival e o sistema preposicional. As crianças adquirem as categorias lexicais juntamente com as suas características temáticas. (CEZARIO, MARTELOTTA, 2016, p. 209).

Chomsky (1965) através da divisão de fases para o desenvolvimento da linguagem procura defender a sua concepção da linguagem como um fenômeno biológico, demonstrando por meio das divisões em fases, que as crianças já nascem programadas geneticamente para passarem por esses estágios diferentes para o desenvolvimento da linguagem, ponderando sempre a variabilidade de tempo que pode acontecer de indivíduo para indivíduo, mas afirmando que em geral, todas as crianças passam por essas fases até alcançar a maturação plena da linguagem.

Através das contribuições dos inatistas, muitas noções acerca da aquisição da linguagem foram aprimoradas. A teoria de Chomsky teve grande importância para os estudos do desenvolvimento da linguagem ao considerar que a aquisição da linguagem acontece naturalmente, de maneira muito similar ao desenvolvimento de todo o corpo humano, preposição esta que não havia sido considerada anteriormente.

3.2.2 O construtivismo

Outra vertente da teoria inatista é a que pressupõe que o mecanismo biológico incumbido pelo desenvolvimento da linguagem é responsável também por outras competências cognitivas. Segundo essa concepção as crianças constroem a linguagem, participando ativamente do processo de desenvolvimento da linguagem. Desse modo, o indivíduo toma parte de maneira direta na construção da linguagem. A seguir serão expostas duas abordagens construtivistas: a cognitivista e a interacionista (FIORIN, 2010).

3.2.2.1 O COGNITIVISMO CONSTRUTIVISTA

A concepção construtivista ou epigenética propõe que a origem e o desenvolvimento cognitivo ocorrem por meio da influência mútua do ambiente e do organismo. Essa

proposição foi desenvolvida e fundamentada nos estudos de Jean Piaget, que vincula a linguagem à cognição, dando grande valor a experiência com o mundo físico. Piaget várias vezes é denominado de “interacionista”, mas essa relação acontece entre a criança e o mundo. (FIORIN, 2010).

Segundo a teoria piagetiana a procedência do pensamento antecede a linguagem e esta é uma edificação da inteligência que tem início no estágio sensório-motor, onde começa a função simbólica, dessa forma, a linguagem não seria, segundo essa concepção, ofertada apenas pelo meio ambiente, mas sim concebida pelo nascimento e desenvolvimento no cotidiano. Piaget (1961) valoriza igualmente o ambiente e o organismo, propondo

que o sujeito constrói estruturas linguísticas com base nas suas experiências com o mundo físico, ao interagir e reagir biologicamente a ele durante a interação. Nessa perspectiva, não basta que a criança esteja exposta ao meio social, ela precisa estar apta a compreender o que a sociedade tem para lhe transmitir, e para isso, deve estar biologicamente “pronta”, através do processo de maturação que envolve diferentes estágios (SCHERMACK, p. 04, Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sial/2011/src/20.pdf>. Acesso em: 12 Set. 2018).

Para Piaget, existem estruturas cognitivas universais e invariáveis, isto é, todas as crianças passam pelos seguintes estágios de desenvolvimento da linguagem:

Sensório- motor (0 a 18 meses), pré-operatório (2 a 7 anos), operações concretas (7 a 12 anos) e operações formais. Os estágios piagetianos são universais (gerais e invariáveis) e, em cada um, a criança desenvolve capacidades necessárias para o estágio seguinte, provocando mudanças qualitativas no desenvolvimento (FIORIN, 2010, p. 222).

Segundo os estágios do desenvolvimento da linguagem, Piaget alega que a aparição da linguagem na criança ocorre por volta dos dezoito meses, após a superação do estágio sensório-motor. Neste estágio do desenvolvimento: “dá-se o desenvolvimento da função simbólica, por meio da qual um significante (ou um sinal) pode representar um objeto significado, além do desenvolvimento da representação, pela qual a experiência pode ser armazenada e recuperada” (SCARPA, 2004, p.210).

De acordo com Piaget, todos esses estágios desenvolvidos pela criança apresentam algumas características comuns, sendo elas: a ordem de progresso das aquisições é contínua; as estruturas estabelecidas integram as estruturas posteriores; a distinção desses estágios é pela estrutura do grupo e os estágios envolvem um grau de preparação e um de acabamento (FIORIN, 2010). O desenvolvimento da linguagem acontece, portanto, progressivamente, passando de um estágio para outro, acontecendo através de alterações constantes das estruturas cognitivas, construindo-as e reconstruindo-as constantemente, até o desenvolvimento completo da linguagem (BARBOSA, 2015).

Antes da criança empregar o signo linguístico, ela precisa aprender que as coisas existem ainda que não estejam no seu campo de visão, em outras palavras, é necessária a

noção de constância do objeto. Outros requisitos essenciais para a aquisição da linguagem segundo essa concepção, é a de representação e em seguida, da função simbólica, função que ocorre no final do período sensório-motor e início do pré-operatório, momento em que a criança passa a utilizar meios diversos para simbolizar, não apenas a linguagem, como acontecia anteriormente (FIORIN, 2010).

Outro aspecto da aquisição da linguagem que ganha destaque nos estudos de Piaget é a propriedade egocêntrica da fala das crianças, pois nesta etapa as crianças não se preocupam com o interlocutor, já que sua principal intenção não é se comunicar, portanto, não há na fala função social. Por volta dos sete anos de idade essa característica da linguagem infantil começa a ser deixada de lado, a ponto de ser eliminada completamente e é nesse novo momento que se inicia o discurso socializado (FIORIN, 2010).

Para o Cognitivismo, no que diz respeito à linguagem, Piaget coloca em plano secundário a importância da interação do indivíduo com o ambiente e destaca a importância da cognição para a aquisição da linguagem. Com isso, as contribuições da teoria de Piaget representam um salto na compreensão de vários aspectos da aquisição da linguagem e para o desenvolvimento humano em geral.

3.2.2.2 O INTERACIONISMO SOCIAL

O Interacionismo Social surgiu com Vygotsky como uma “alternativa ao cognitivismo construtivista piagetiano” (SCARPA, 2004, p. 213), o qual apresenta uma elaboração teórica que compreendesse melhor a abrangência social da linguagem. Para esta concepção, o adulto é quem promove o processo da aquisição e desenvolvimento da linguagem da criança, através da intenção comunicativa. A aquisição da linguagem para Vygotsky é um método pelo qual o indivíduo se institui como sujeito da linguagem e estrutura seu conhecimento de mundo por meio da relação com o outro (SCHERMACK, Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sial/2011/src/20.pdf>. Acesso em: 12 Set. 2018).

Para Vygotsky, o principal impulso para o desenvolvimento da linguagem é a necessidade inerente que o ser humano tem de comunicar-se. Essa busca própria por comunicação fica evidente já na primeira infância, pois os bebês mesmo não sabendo ainda articular palavras, já são capazes de produzir sons, gestos e expressões para informar aos outros suas necessidades e desejos. Ao defender que o ser humano utiliza-se dos sistemas de linguagem, principalmente para comunicar-se com o outro, Vygotsky postula que “a função primordial da fala, tanto nas crianças quanto nos adultos, é a comunicação, o contato social. A fala mais primitiva da criança é, portanto, essencialmente social”. (SCHERMACK, p.05, Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sial/2011/src/20.pdf>. Acesso em: 12 Set. 2018).

O Interacionismo Social tem como princípio fundamental que a aquisição e desenvolvimento da linguagem possuem origem social e é por esse motivo, que nessa

teoria é atribuída grande importância ao interlocutor, já que ele é o intermediário das informações que a criança recebe do meio. Nesse processo não se descarta então a função da criança, a qual possui participação ativa para o desenvolvimento linguístico, como Del Ré (2006, p. 25) aponta: “O Interacionismo Social propõe que a criança não seja apenas um aprendiz, passivo, mas um sujeito que constrói seu conhecimento (mundo e linguagem) pela mediação do outro”. Confirmando assim, a importância dessa troca comunicativa com o outro como pré-requisito principal para o desenvolvimento da linguagem.

Vygotsky em sua teoria do desenvolvimento linguístico, aponta que inicialmente a fala e pensamento estão dissociados, sendo que:

[...] Essa união só acontece por volta dos dois anos, quando a criança assume uma função simbólica e organizadora do pensamento. Assim, à medida que a criança desenvolve seu sistema sensorial, ela alcança um nível linguístico e cognitivo mais elevado, enquanto seu campo de socialização se estende mediante a relação estabelecida com o outro/ interlocutor (adulto) (VYGOTSKY, 1993, p. 117).

Para ele, fala e pensamento possuem condições genéticas distintas, havendo quatro fases gerais no processo de desenvolvimento da linguagem, e correspondem a:

[...] natural ou primitivo (que corresponde à fala pré intelectual e ao pensamento pré-verbal); psicologia ingênua (a criança experimenta as propriedades físicas tanto de seu corpo quanto dos objetos, e aplica essas experiências ao uso de instrumentos – inteligência prática); signos exteriores (as operações externas são usadas para auxiliar as operações internas; nesse estágio ocorre a fala egocêntrica); e crescimento interior (em que as operações externas se interiorizam) (FIORIN, 2010, p. 221-222).

As etapas de desenvolvimento linguístico iniciam com a fase pré-verbal do pensamento, etapa esta, que se relaciona à inteligência prática, seguida da fase pré-intelectual da fala, momento em que são manifestados os balbucios e choros, os quais seriam exemplos de fala sem pensamento. Depois da passagem dessas etapas, aos dois anos de idade aproximadamente, é que a fala e pensamento se juntam, passando a existir a curiosidade da criança pelas palavras e a ampliação de seu vocabulário (FIORIN, 2010).

Segundo Fiorin (2010), outra consideração importante dos estudos realizados por Vygotsky se relaciona ao uso da palavra, pois segundo ele, a criança inicialmente acredita que a palavra integra o objeto, os nomes dos objetos nesse momento são explicados por seus atributos e só depois que a significação independente da nomeação e o significado independente da referência são desenvolvidos.

Cabe salientar que esta é uma corrente teórica bastante relevante para a tentativa de explicar como acontece o processo de desenvolvimento linguístico, já que não existe nenhuma teoria que explique totalmente a aquisição da linguagem, porém há também para esta concepção, algumas críticas em relação ao caráter geral dos estágios do desenvolvimento da linguagem e um questionamento de como a criança passa de categorias

cognitivas para conjuntos genuinamente linguísticas. E como este trabalho busca um levantamento das teorias a respeito da aquisição e desenvolvimento da linguagem, críticas como a esta teoria não serão contempladas no corpus desta pesquisa.

4 | ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

O conceito de estágio para Scarpa (2004 *apud* PERRONI, 1994) é dinâmico e não estático, portanto, o desenvolvimento dos estágios no processo de aquisição da linguagem não acontecem obrigatoriamente de forma linear. O que enfatiza que a aquisição da linguagem não ocorre da mesma maneira com todas as crianças, mas existem fases que tornam possível observar em qual etapa do processo cada criança se encontra. Segundo Bates & Goodman (1997 *apud* SCARPA, 2004, p. 224), “a trajetória do desenvolvimento da linguagem parece ser, com algumas especificidades, universal e contínua”, mas que segundo as próprias autoras apresentam muitos contra-exemplos que podem ser observados fundamentados num prisma sociointeracionista (SCARPA, 2004). Pois, segundo Kail (2013, p. 11) “a linguagem humana é um dispositivo complexo, multicomponencial, que garante simultaneamente as funções de comunicação e as funções de representação”.

Essa universalidade do desenvolvimento da linguagem se dá principalmente porque o reconhecimento das palavras “é uma questão que surge da suposição de que o desenvolvimento da fala, tanto na recepção quanto na produção, envolve algum tipo de léxico, que seria um ‘dicionário mental’, no qual estariam armazenadas as palavras conhecidas pelo falante/ouvinte” (BALIEIRO, 2004, p. 186).

Ao nascerem às crianças são inseridas num mundo simbólico e com apenas alguns dias de vida, elas já conseguem exprimir reações aos sons de fala. Depois de algumas semanas, já distinguem a fala de outros sons e com 3-4 meses prontamente começam a balbuciar. A frequência dos balbucios vai aumentando até os 10 meses, de forma que se torna cada vez mais padronizado e estruturado, aparentemente esses balbucios são universais, pois até mesmo as crianças surdas passam por essa fase, porém não conseguem avançar para a próxima etapa. Conforme o balbucio se padroniza, o acervo de sons passa a se assemelhar mais com as características fonéticas da língua materna, nesse momento ela se utiliza muito de recursos expressivos, para substituir recursos léxicos gramaticais que ainda lhe faltam (SCARPA, 2014).

Segundo Bates & Goodman (1997 *apud* SCARPA, 2014, p. 224):

A trajetória do desenvolvimento da linguagem parece ser, com algumas especificidades, universal e contínua. As crianças começam com balbucio, primeiro com vogais (cerca de 3 a 4 meses, em média), depois com combinações de vogais e consoantes de complexidade crescente (geralmente entre 6 e 12 meses). As primeiras palavras emergem entre 10 e 12 meses, em média, embora a compreensão de palavras possa começar algumas semanas antes. Depois disso, as crianças passam várias semanas ou meses

produzindo enunciados de uma palavra. No começo, a taxa de crescimento de seu vocabulário é reduzida, mas há no súbito acréscimo nela mais ou menos de 16 e 20 meses. As primeiras combinações de palavras geralmente aparecem entre 18 e 20 meses e, no começo, tendem a ser telegráficas. Lá pelos 24 a 30 meses, há outra espécie de explosão vocabular e aos 3 ou 3 anos e meio, a maioria das crianças normais dominou as estruturas sintáticas e morfológicas de suas línguas maternas.

Segundo Scarpa (2014) os dados de uma interação verbal entre adultos e crianças nesta fase exhibe os processos de especularidade e complementariedade que perpassam as emissões dos dois interlocutores. Como no exemplo:

A criança estende a mão para um brinquedo e vocaliza algo; a mãe imediatamente interpreta o gesto e a voz da criança e responde com algo como: O au-au! (nomeando)... É o au-au que você quer? (enquadrando o turno da criança em algum significado ou numa cadeia de signos linguísticos) (SCARPA, 2004, p. 225-226).

Na situação citada acima, a mãe está parafraseando a hipotética intenção da criança e por um processo de especularidade e complementariedade, amplia seu enunciado. No final da etapa do balbucio, surgem na fala da criança as primeiras palavras que podem ser compreendidas pelos adultos. Algumas crianças ao começarem a lançar palavras, param de balbuciar, outras, porém, continuam usando/mesclando as duas formas (SCARPA, 2014).

A produção das primeiras palavras e frases mostra indeterminação semiótica, fonética e categorial. Também se observa modificações de enunciados ligados a não-segmentabilidade¹. As frases completas, muitas vezes, são congregadas na linguagem adulta sem que a criança considere o sinal em unidades discretas, o que acontece é que a criança agrupa, junto com a sequência fônica, a situação específica que deu origem àquele enunciado. E as formas maduras aparecem em contexto de especularidade próxima de algum item da fala adulta, posteriormente, a forma desaparece para reaparecer ajustada ao sistema fonológico da criança muito tempo depois, ou sua forma menos madura, percorrerá vários meses até a troca se tornar constante. (SCARPA, 2004).

Com as primeiras palavras da criança também surge à aparente flexão, aparente porque em muitos episódios as flexões não simulam morfemas categoriais ou classes gramaticais. Nesta fase da aquisição incide também um fenômeno denominado de superextensão, que consiste em um alargamento a limites muito mais amplos da faixa semântica de uma palavra do que na linguagem do adulto. A criança através da especularidade incorpora todo ou parte do enunciado do interlocutor, emitido naquela circunstância específica, processo este, que é chamado de recontextualização (SCARPA, 2004).

As primeiras sentenças espontâneas das crianças são justaposições de enunciados

1 Seguimentos de sons em palavras.

de “uma palavra” que ela lança à maneira de fala telegráfica. “Os erros ou desvios da norma muitas vezes indicam, segundo alguns estudiosos, que um processo de análise e segmentação está se instaurando, pois revelam as hipóteses que a criança faz sobre o objetivo linguístico” (SCARPA, 2004, p. 227).

A partir de 2 a 3 anos a criança já começa a contar histórias, esse processo exige a “descentração do contexto original da história, capacidade de compreender e expressar sucessão e concatenação de eventos, [...] relação causal entre eventos e uma provável gramática de texto” (SCARPA, 2004, p. 228). A trajetória para a aquisição do discurso narrativo, segundo o interacionismo, é longa, não acontecendo efetivamente antes dos 5 anos de idade (SCARPA, 2004).

Já Kail (2013) contrapõe esta última visão, mencionando que a maioria das crianças consegue dominar as estruturas básicas de sua língua materna por volta dos 4 anos, ao mesmo tempo em que dá provas de desempenhos expressivos em outros campos do desenvolvimento cognitivo e social, os quais parecem exercer um papel de destaque na emergência da própria linguagem. Em resumo, nesta idade de 4 a 5 anos “o desenvolvimento do cérebro² representaria um caso exemplar de intrincada co-dependência do amadurecimento e da experiência, ou da aprendizagem” (KAIL, 2013, p. 12-13).

5 | ALGUMAS CONCLUSÕES

A exposição da temática aquisição da linguagem é relevante porque como observado nesse artigo, é um terreno muito fértil e produtivo para a realização de muitas pesquisas e teorias que buscam soluções para diversos questionamentos acerca do desenvolvimento da linguagem. A importância conferida a esse tema é atribuído principalmente, ao fato de que a apreensão de uma língua, a língua materna, é uma das primeiras conquistas do ser humano e uma das mais fundamentais para a inclusão da criança ao meio social, além de ser essencial para a aquisição de uma identidade cultural e desenvolvimento da cognição.

Adquirir a língua materna é antes de qualquer coisa, um meio eficaz encontrado pelos seres humanos de interagir e aprender. Nesse sentido, a fala não pode ser desvinculada do processo de construção de significados, já que é a partir da organização do sistema linguístico que compreendemos o que o “outro” está comunicando, atribuindo significações a esses signos.

Embora para muitos indivíduos, o surgimento da linguagem seja considerado algo muito simples, é um erro pensar dessa maneira, já que muitos estudos comprovam o quão complexo é esse processo e o quanto de operações mentais e cognitivas estão envolvidas

2 “As reorganizações que acompanham o desenvolvimento do cérebro podem ser atribuídas à plasticidade. Nos estudos clássicos, desenvolvimento e plasticidade são pensados como sistemas complementares, mas relativamente independentes. A plasticidade só interviria em caso de uma perturbação do processo de amadurecimento, a fim de compensar um déficit funcional. Concepção mais recente afirma que a plasticidade não é nem opcional, nem reativa. Ela constitui uma propriedade fundamental dos sistemas neuronais e cognitivos” (KAIL, 2013, p. 13).

para que um indivíduo adquira, plenamente, a sua língua materna. Existem muitas teorias dos estudos da aquisição da linguagem elencadas nesta pesquisa, todas visando conduzir a um esclarecimento de como acontece esse processo, porém nenhuma foi privilegiada, já que todas são plenamente aceitas e tentam desvendar como acontece o processo de aquisição da linguagem.

Nesta pesquisa, realizamos um estudo teórico para o levantamento de diferentes abordagens teóricas a respeito do desenvolvimento linguístico do ser humano, mais especificamente, da criança em estágio pré-linguístico, procurando compreender suas fases e modalidades. Esse estudo bibliográfico se embasou nos estudos provenientes da Linguística, Psicolinguística e Psicologia, para um levantamento de dados, a fim de compreender as fases e períodos pelos quais o indivíduo passa no processo de aquisição da língua materna, desta forma entendemos que os objetivos propostos para esta pesquisa foram atendidos.

Como conclusão, podemos entender então que as fases e modalidades pelas quais as crianças em estágio pré-linguístico perpassam até o desenvolvimento completo da linguagem são universais, ou seja, independente da nacionalidade esse processo acontece da mesma maneira. Este fato aponta para a existência de um fundamento biológico comum e universal para o desenvolvimento dessa capacidade humana, pois mesmo que o tempo da aquisição da linguagem seja variável, já que depende também da quantidade de experiências linguísticas que a criança é exposta e suas capacidades de uso desses conhecimentos, o desenvolvimento linguístico é sistematizado e universal.

Neste tocante, segundo Kail (2013) podemos ainda mencionar que nos últimos trinta anos, trabalhos comparativos interlínguas foram inscritos no núcleo dos debates sobre a universalidade dos mecanismos de aquisição de linguagem. Esse procedimento é atualizado por duas opções principais: uma que, sob influência de Chomsky, privilegia as invariantes e propõe uma variabilidade linguística restrita; a outra, baseada nas teorias funcionalistas, situa a variabilidade linguística no centro de seus empreendimentos. Por fim, mais recentemente, desenvolve-se uma terceira vertente de pesquisa que, ao questionar a existência de bases cognitivas universais na aquisição da linguagem admitida pelas duas outras correntes, renova com a tradição relativista da influência da língua sobre o pensamento. Desse modo, as relações entre linguagem e cognição são reavaliadas.

Cabe mencionar, que as comparações entre as línguas constituem um instrumento indispensável para a determinação da natureza e do peso das restrições específicas impostas pela língua ao processo de aquisição da linguagem. Esse procedimento fecundo ainda está destinado a importantes desenvolvimentos no futuro. Para demonstrar isso, Kail (2013), coloca que basta lembrar que existem cerca de 7.000 línguas faladas no mundo e cerca de 300 a 400 famílias de línguas. Mesmo assim, apenas 1% das línguas e 7% das famílias linguísticas são objeto de, pelo menos, um estudo sobre a aquisição. Na ausência de uma perspectiva translinguística como essa, todas as abordagens teóricas da aquisição

de linguagem se veem consideravelmente limitadas em seu poder de generalização.

Assim, com base nesse estudo, observa-se ainda que há um grande desafio em saber se a língua, que é adquirida tão precocemente pelo indivíduo, depende de conexões neurais, naturais, interacionais, entre outras, ou todas essas agrupadas para que se efetive o desenvolvimento pleno da língua. Consta-se que apesar de tantos estudos com enfoque nessa área, o campo da aquisição da linguagem continua sendo uma ciência aberta para investigações, visto que ao abordarmos diferentes teorias, nenhuma se consolida como pronta e incontestável, podendo ser a todo tempo investigada, transformada e questionada.

REFERÊNCIAS

BALIEIRO JR, A.P. Psicolinguística. In: MUSSALIN, F; BENTES, A.C. (Org.). **Introdução à Linguística 2 domínios e Fronteiras**. Vol. 2. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BARBOSA, P. M. R. **O construtivismo e Jean Piaget**. Disponível em: <http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/o-construtivismo-e-jean-piaget>. Acesso em: 06 Set. 2018.

CEZARIO, M.M.; MARTELOTTA, M. E. **Aquisição da Linguagem**. In: MARTELOTTA, M. E. Manual de Linguística. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, J.L. (Org.) **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

GROLLA, E.; SILVA, M.C.F. **Para conhecer aquisição da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

KAIL, M. **Aquisição de Linguagem**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2013.

MAROTE, J.T.D.; FERRO, G.D.M. **Didática da Língua Portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1994.

SCARPA, E.M. **Aquisição da Linguagem**. In: MUSSALIN, F; BENTES, A.C. (Org.). **Introdução à Linguística 2 domínios e Fronteiras**. Vol. 2. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SCHERMACK, K.D.Q. **O desenvolvimento Linguístico Infantil na Perspectiva Interacionista: O papel do outro na Aquisição da Língua Materna**. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sial/2011/src/20.pdf>. Acesso em: 12 Set. 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adição 205, 207, 209, 211

Análise de discurso crítica 109, 110, 111, 118

Aquisição da linguagem 242, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 261

Articulador textual 215, 221, 225

Autoria 36, 42, 43, 44, 45, 47, 90, 266

C

Carnaval 1, 2, 7, 8, 9, 10

Cidadania 11, 60, 71, 82, 88, 193, 194, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Cinema *queer* 50, 52, 57, 58, 59, 60, 67

Competência comunicativa 12, 13, 16, 27, 60

Crenças 4, 32, 43, 44, 94, 109, 176, 179, 186, 190, 203, 206, 207, 209, 210, 211, 230

Criança 61, 63, 157, 158, 159, 172, 197, 230, 237, 238, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258

D

Deficiência visual 260, 263, 264, 265, 266, 268, 269

Desvios 29, 31, 32, 33, 34, 257

Día de muertos 1, 2, 4, 5, 6, 7

Discurso 14, 65, 96, 99, 101, 102, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 149, 150, 152, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 172, 174, 178, 179, 182, 188, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 216, 223, 228, 229, 233, 253, 257, 270, 271

E

Educação linguística 50

Ensino de línguas 1, 2, 3, 4, 10, 18, 50, 59, 67, 82, 95, 179, 180, 181, 182, 183, 191, 192, 281

Espiritualidade 205, 206, 207, 208, 210, 211, 213, 214

F

Funcionalismo linguístico 215, 216, 217, 225

G

Gamificação 12, 13, 14, 17, 28, 40

Gênero comentário 84, 86, 88, 89, 91, 92, 93, 95

H

Histórias em quadrinhos 23, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 48

I

Identidade 1, 2, 4, 6, 8, 15, 21, 22, 25, 26, 50, 58, 61, 63, 66, 68, 75, 77, 101, 118, 137, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 173, 183, 184, 186, 190, 198, 203, 204, 208, 230, 237, 242, 243, 257

Idoso 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203

Inclusão 40, 60, 70, 72, 77, 79, 80, 81, 88, 101, 193, 194, 199, 200, 202, 204, 243, 257

Inclusão digital 70, 72, 77, 79, 80, 81

Interculturalidade 1, 2, 3, 6, 7, 10, 175, 177, 180, 181, 185, 186, 187, 191, 281

J

Jogos 12, 13, 14, 15, 17, 21, 25, 26, 27, 28, 40, 41, 188

L

Lei Maria da Penha 109, 117, 118, 119

Leitura 2, 9, 30, 37, 42, 45, 48, 50, 52, 58, 61, 63, 65, 66, 71, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 120, 121, 122, 125, 128, 129, 130, 174, 176, 202, 203

Letramento *queer* 50

Letras 40, 50, 74, 81, 96, 100, 119, 144, 175, 186, 203, 270, 278, 281

Léxico 117, 118, 228, 229, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 247, 255

Língua inglesa 11, 12, 19, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 175, 176, 177, 179, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 190, 191

Língua portuguesa 11, 29, 32, 33, 84, 85, 86, 109, 119, 123, 129, 131, 142, 174, 216, 226, 228, 229, 233, 237, 238, 239, 240, 241, 259, 281

Linguística aplicada 2, 11, 50, 51, 52, 59, 67, 68, 74, 81, 86, 96

M

Metáfora conceptual 260, 262

Michel Foucault 98, 99, 142, 143, 148, 153

Mídias sociais 142, 148, 150

Mikhail Bakhtin 98

Mulher 55, 56, 57, 61, 62, 64, 65, 66, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 126, 132,

133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 148, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 240

Multiletramentos 70, 71, 81

P

Percepções 7, 73, 75, 179, 187, 249, 260, 266, 268

Poder 3, 16, 30, 32, 33, 35, 51, 54, 58, 60, 66, 67, 72, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 111, 115, 117, 118, 133, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 159, 167, 179, 184, 185, 186, 188, 190, 197, 226, 259, 265

Política 44, 57, 58, 65, 132, 140, 147, 178, 185, 199, 236

Programação 36, 40, 41, 47, 48

R

Religião 5, 66, 180, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214

Religiosidade 132, 139, 140, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214

S

SCRATCH 36, 37, 40, 41, 46, 47, 48

Semântica 2, 140, 162, 183, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 225, 228, 229, 230, 233, 234, 235, 238, 239, 240, 241, 256

Sentidos étnico-raciais 120, 122, 129, 130

Sociolinguística 29, 31, 33, 34, 35

T

Texto literário 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129

TICs 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Transexualidade 154, 155, 157, 158, 159, 161

V

Varição semântica 228, 235

Variedades do português 228, 233

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

**Atena**
Editora

Ano 2021

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021